

Política

—CONSTITUIÇÃO—

O povo foi o grande ausente na festa de promulgação da Constituição. Mas os políticos presentes se emocionaram quando Ulysses declarou promulgada a nova Carta.

Uma festa. Mas o povo não foi.

Havia menos povo e mais carros de combate Urutu na "festa popular" de promulgação da nova Constituição, ontem à tarde, em Brasília. O Congresso amanheceu isolado por uma cerca de arame e vigiado ostensivamente por um forte esquema de segurança. Além de pouca gente — não mais que mil pessoas —, a chuva fina que caiu durante todo o dia, após quatro meses de intensa seca, contribuiu para reduzir ainda mais a presença de populares nas proximidades da rampa do Congresso no momento em que lá dentro se realizava a solenidade de assinatura da nova Carta.

— Declaro promulgado o documento da liberdade, da dignidade, da democracia, da justiça social do Brasil. Que Deus nos ajude para que isto se cumpra!

Os relógios do Plenário da Câmara marcavam pontualmente 16h00 quando o presidente da Assembléia Nacional Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, gritou ao microfone essa frase, emocionado, brandindo o original da nova Constituição que acabara de assinar.

Todo o Plenário e as galerias aplaudiram de pé. A partir daquele instante, o Brasil tinha uma nova Constituição, a oitava desde a Proclamação da Independência. Em seguida, Ulysses leu o compromisso de "manter, defender e cumprir a Constituição", respondido por um "assim prometo" dito em coro pelos constituintes.

Depois foi a vez do presidente José Sarney. De pé, vestido com a faixa presidencial, a mão direita ostensivamente trêmula estendida, Sarney também leu o termo de compromisso, seguido do presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Rafael Mayer. (Leia também a página 10)

A sessão solene de promulgação foi aberta pontualmente às 15h30. Mas muitos constituintes começaram a chegar bem cedo ao Plenário. Consequência: como o número de convites distribuídos era superior ao de lugares (havia poltronas marcadas apenas para as autoridades), até as 80 cadeiras reservadas à imprensa foram invadidas e ocupadas e cerca de 100 parlamentares acabaram ficando de pé.

Eram 15h25 e do Plenário podia-se ouvir os tiros de canhão saudando a Constituição. Ulysses chegou ao prédio do Congresso minutos depois, acompanhado dos integrantes das Mesas da Constituinte, da Câmara e do Senado. Com os braços erguidos, sorridente e agradecendo aos aplausos, caminhou pelo corredor central até sua poltrona.

Quase incidente

Só houve uma ameaça de incidente. Foi quando Ulysses, após abrir a sessão, pediu que fossem introduzidos em Plenário os presidentes dos outros dois Poderes: o presidente da República e o presidente do STF. Nesse instante, o líder do PDT, deputado Brandão Monteiro (RJ), pediu que fosse registrado um manifesto de protesto assinado também pelos líderes do PC do B, PT, PSB e PSDB, contra a presença de Sarney no Plenário do Congresso, "devido à posição do presidente e de seus auxiliares contra a Constituinte".

Político matreiro, Ulysses Guimarães já tinha sido informado de tudo com antecedência (seu próprio protesto contra Sarney seria manifestado mais tarde, no discurso de abertura, quando lançou várias farpas contra o presidente e seus auxiliares). Interrompeu os pedidos de Brandão Monteiro e pediu a colaboração de todos para dar à solenidade "tom impessoal, tom que respeita as autoridades, independentemente de nomes".

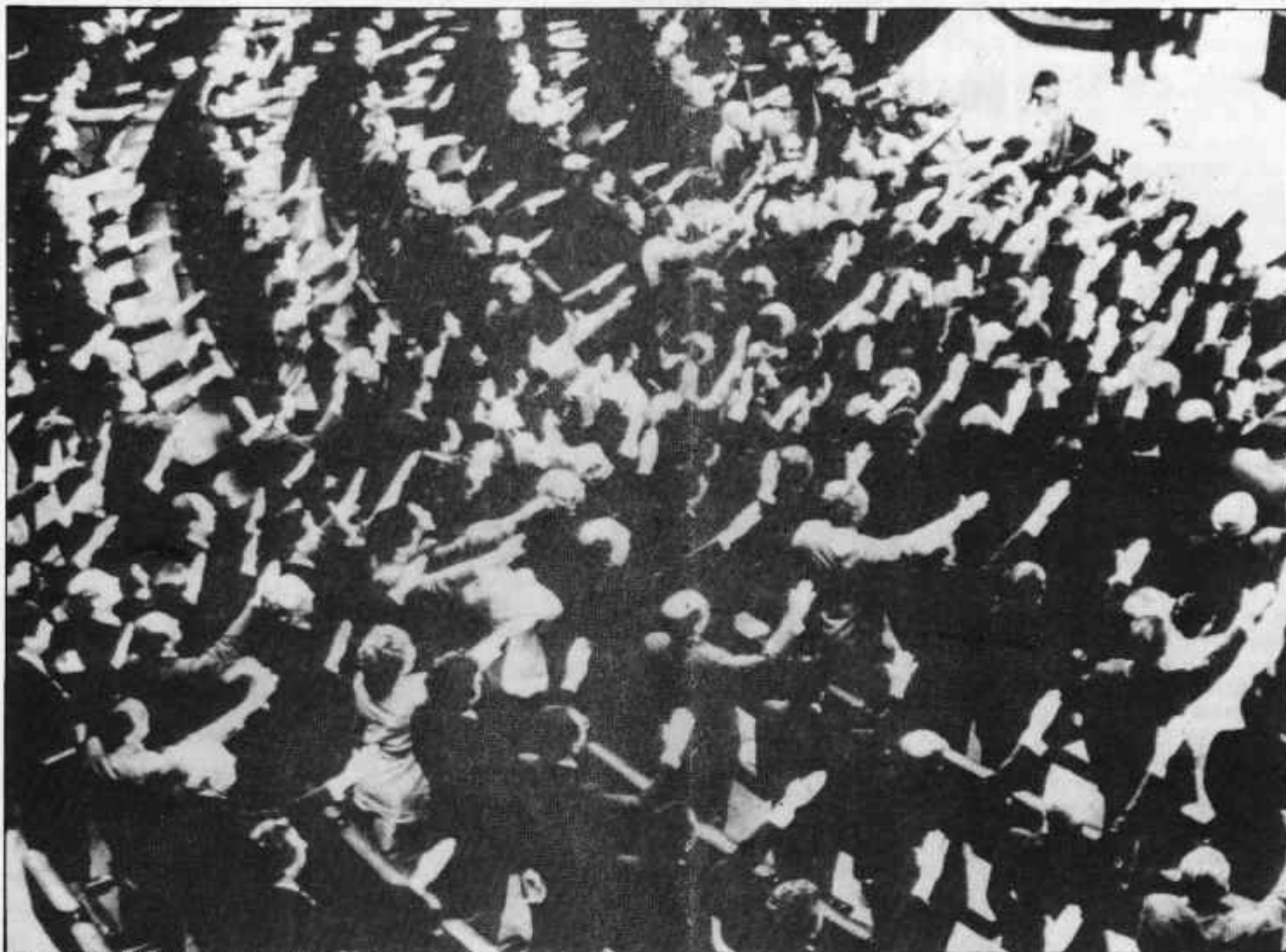
Ulysses promulgou o texto com a caneta que ganhara para esse fim dos funcionários da Câmara. Depois de ouvir os discursos de Afonso Arinos (PSDB-RJ), em nome dos constituintes, e do presidente do Parlamento português, Victor Crespo, em nome dos convidados estrangeiros, encerrou a sessão com um discurso entrecortado por 53 sessões de aplausos.

Os de fora

Enquanto isso, lá fora, em frente à rampa do Congresso, a movimentação mesmo ficou por conta de Múcio Athayde, "o homem do chapéu", que levou centenas de pessoas ao local para fazerem sua campanha de candidato ao governo do Distrito Federal. Eram na sua maioria habitantes de Ceilândia — a cidade satélite mais pobre do DF —, onde ele mantém seu reduto eleitoral. Sem saberem exatamente o que acontecia no interior do Congresso, eles portavam faixas e cartazes pedindo moradia ao governador do DF, Francisco Roriz.

Prevenido o ostensivo esquema de segurança que isolou o Congresso, os movimentos sindicais liderados pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), limitaram-se desde ontem cedo a recomendar à população de Brasília que não comparecesse à rampa do Congresso. Através de panfletos espalhados pela cidade, pediam ao povo que "vote não ao texto constitucional porque a nova Constituição pouco mudará a vida da população".

Em meio à pequena multidão também havia 200 evangelistas, que fizeram uma "intercessão pela Nação". Outro grupo, os "Guerreiros de Cristo", portava faixas com dizeres religiosos e repudiando a presença no local de representantes do candomblé.



Os constituintes juram a nova Carta

A Constituição não é perfeita. Ela própria o confessa, ao admitir a reforma.

Sessenta e uma mil, cento e quarenta e duas emendas depois — 122 das quais, iniciativas populares —, o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, pôde fazer seu discurso de apresentação da nova Carta. Eis alguns trechos: "Chegamos. Esperamos a Constituição como o vigia espera a aurora. (...) Alguns a fatalidade derrubou. Virgílio Távora, Alair Fefreira, Fábio Lucena, Antônio Farias e Norberto Schwantes. Pronunciamos seus nomes queridos com saudade e orgulho: cumprimos com o seu dever".

"A Constituição certamente não é perfeita. Ela própria o confessa, ao admitir a reforma.

Quanto a ela, discordar sim. (...) Afrontá-la, nunca. Traidor da Constituição é traidor da Pátria. Conhecemos o caminho maldito: rasgar a Constituição, trancar as portas do Parlamento, garrotear a liberdade, mandar os patriotas para a cadeia, o exílio, o cemitério."

"Quando, após anos de lutas e sacrifícios, promulgamos o Estatuto do Homem, da Liberdade e da Democracia, bradamos por imposição de sua honra: temos ódio à ditadura."

"A Assembléia Nacional Constituinte rompeu contra o **establishment**, investiu contra a inércia, desafiou tabus. (...) Suportou a ira e perigosa campanha mercenária dos que se atreveram na tentativa de aviltar legisladores em guarda de suas

burras abarrotadas com o ouro de seus privilégios e especulações."

"O inimigo mortal do homem é a miséria. Não há pior discriminação do que a miséria. O Estado de Direito, conseqüência da igualdade, não pode conviver com estado de miséria. Mais miserável do que os miseráveis é a sociedade que não acaba com a miséria."



Ulysses, em seu grande dia

"Enquanto houver Norte e Nordeste fracos, não haverá na União Estado Forte pois fraco é o Brasil."

"A Constituição reabilitou a Federação ao alocar recursos ponderáveis às unidades regionais e locais, bem como ao arbitrar competência tributária para lastrear-lhes a independência financeira. Democracia é a vontade da lei, que é plural e igual para todos, e não a do prí-

cipe, que é unipessoal e desigual para os favorecimentos e os privilégios."

"Tem significado de diagnóstico a Constituição ter alargado o exercício da Democracia, em participativa além de representativa. (...) O povo passou a ter a iniciativa de leis. Mais do que isso, o povo é o superlegislador, habilitado a rejeitar pelo referendo projetos aprovados pelo Parlamento."

"Recorde-se alvissareiramente que o Brasil é o quinto país a implantar o instituto moderno da seguridade, com a integração de ações relativas à saúde, à previdência e à assistência social, assim como a universalidade dos benefícios para os que contribuíam ou não, além de beneficiar onze milhões de aposentados, espoliados em seus proventos.

É consagrador o testemunho da ONU de que nenhuma outra Carta no mundo tenha dedicado mais espaço ao meio ambiente do que a que vamos promulgar."

"O Estado autoritário prendeu e exilou, a sociedade, com Teotônio Vilela, pela anistia, libertou e repatriou.

A sociedade foi Rubens Paiva, não os facinoras que o mataram."

"Que a promulgação seja nosso grato: — Mudar para vencer! Muda Brasil!"

"Desculpe a nossa greve"

A greve de 2.000 radialistas de Brasília — que trabalham na operação de equipamentos de áudio, iluminação e setores administrativos — frustrou a gigantesca cobertura da promulgação da Constituição prometida pelas emissoras de TV. As grandes redes, como Globo, Manchete, SBT e Bandeirantes, tiveram que recorrer a profissionais de outros Estados e até a produtoras independentes. No final, a cobertura acabou se restringindo ao factual, sem os atrativos esperados.

Na TV Globo, os problemas começa-

A outra festa de Ulysses

O coquetel, preparado para duas mil pessoas, foi disputado arduamente por cinco mil convidados. Mas os 300 privilegiados para o jantar não tiveram do que reclamar: um novo coquetel foi servido, com as mesmas bebidas e salgadinhos, mas enriquecido por generosas doses de uísque escocês. Após a entrada de coquetel de camarão, enquanto os convidados deliciavam-se com brochetas de filé mignon regadas a vinho branco nacional, 26 garçons e três **maitres** deslocavam-se, sollicitamente, entre as mesas.

ram logo pela manhã, no programa "Bom Dia Brasil", quando o apresentador Carlos Monforte teve, ele mesmo, de tirar cópias do script. Para cobrir a ausência dos radialistas em greve, a emissora trouxe cinco equipes de São Paulo e do Rio. A SBT, duas equipes de São Paulo a Manchete, três do Rio e a Bandeirantes contratou; uma produtora independente. A greve dos radialistas já dura três dias, e conforme informou o secretário-geral da categoria, Manoel Damasceno, prosseguirá até que os patrões decidam conceder a reposição salarial de 67% e um aumento real de 30%.

Faltaram salgadinhos no coquetel da promulgação, onde a proporção era de dois convidados para cada bolinho de bacalhau, mas no restante tudo foi perfeito, alegre e abundante na festa particular de Ulysses Guimarães para comemorar a promulgação. Compareceram ao restaurante da Câmara dos Deputados o presidente José Sarney, os ministros de Estado, convidados estrangeiros, senadores e pouquíssimos deputados do rol de amigos do presidente da Constituinte.

É ouro? Não, é prata.

A decisão do deputado Ulysses Guimarães de suspender a entrega de medalhas de ouro aos constituintes — atendendo a diversas manifestações contrárias — impediu que os parlamentares voltassem para casa sentindo-se atletas soviéticos na Olimpíada de Seul e deixou alguns deles, como o senador Mauro Benevides (PMDB/CE), visivelmente decepcionados.

— A promulgação é um momento ímpar na vida de qualquer político. Este momento estaria consagrado com a assinatura da Carta Constitucional, que é o mais im-

Evangélicos, os mais rápidos.

O culto ecumênico realizado pela manhã foi marcado pelo visível constrangimento dos representantes católicos. Eles pouco participaram da cerimônia que foi dominada pelo grupo evangélico Assembléia de Deus, organizado pelo deputado Daso Coimbra (PMDB/RJ).

O começo foi marcado pelo tumulto, já que, à última hora, por causa da chuva, a cerimônia foi transferida da praça em frente ao Palácio do Itamarati para o saguão de entrada do Congresso Nacional. O culto, marcado para as 9 horas, teve início 45 mi-

Militares fazem ressalvas. Mas acatam.

O ministro da Marinha, almirante Henrique Saboia, que assistiu à promulgação da Constituição junto com seus colegas da Aeronáutica, do Exército e do Estado-Maior das Forças Armadas, comentou que o discurso do deputado Ulysses Guimarães teria sido muito bom, não fosse uma frase referindo-se ao ex-deputado Rubens Paiva ("A sociedade foi Rubens, não os facinoras que o mataram", disse Ulysses, quase ao final do seu pronunciamento). O ministro da Marinha considerou que a frase "não estava à altura do discurso e nem à altura do momento em que vivemos". "Penso que ele não teve esse propósito (de afrontar os militares). Apenas acho que não estava bem colocada (a frase) e não gostei", disse ainda Henrique Saboia, divergindo da opinião do ministro-chefe do EMFA, Almirante Valbete Lisieux, que, comentando as referências de Ulysses à tortura durante a ditadura, argumentou: "Quando ele fala em tortura, é porque tem algum propósito para falar nisso, e para nós passa pelo dia. Nada desagradado aos militares no dia de hoje".

Não era bem esta a situação do ministro do Exército, no entanto, que esteve todo o tempo sério e demonstrou irritação quando os repórteres lhe dirigiram perguntas sobre a Constituição. Para o titular da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, com a nova Carta, o Brasil entra "numa nova ordem política, econômica, social e jurídica". Moreira Lima considerou que cabe a toda a sociedade, inclusive aos militares, contribuir para que a nova Constituição seja aplicada em sua plenitude. O ministro concluiu dizendo que os problemas decorrentes da adaptação às novas leis serão resolvidos pela Justiça, "que está aí para dirimir qualquer dúvida. Eu sou otimista", disse.

Embora menos otimista — a nova Carta é apenas "razoável" no seu entender — o ministro da Marinha, como todos os demais que falaram à imprensa, declarou que vai cumprir a Constituinte: "Vamos cumpri-la. Saímos da teoria, veremos agora como será a prática", disse Saboia. Apenas o ministro do Exército, Leônidas Pires, repetiu por três vezes: "Nada a declarar".

A primeira emenda já vem aí: pena de morte

O deputado Amaral Neto (PDS-RJ) não perdeu tempo e hoje encaminha a primeira proposta de emenda à nova Constituição, instituindo a pena de morte no Brasil. A emenda, que cria a pena de morte nos casos de roubo, seqüestro e estupro seguidos de morte, será submetida à população através de plebiscito dentro de um ano e meio após a sua aprovação pelo Congresso Nacional. A lei assegurará ao condenado à pena capital a mais ampla defesa, atribuindo efeito suspensivo aos recursos interpostos para todas as instâncias judiciais e ao pedido de clemência ao presidente da República.